ESTUDOS AMERICANOS

GUARINO ALVES

Aos ilustres amigos, Drs. César Cals de Oliveira Filho, e Ernando Uchôa Lima.

I — O MONTE DELLY

A costa marítima de reciprocidade entre o escopo geográfico e a concecução de que se nutre esta memória histórica da serra de Maranguape, restringe-se a quinze léguas. Começa na ponta de Iguape, no município de Aquirás, e termina na depressão onde embocam os rios S. Gonçalo e Curu, no município de São Gonçalo do Amarante. Recortam esse setor, além de alguns insignificantes riachos, quatro rios intermitentes, destacando-se os supracitados, em virtude de suas barras se abrirem em pseudo golfo, segundo o demonstram as cartas hidrográficas antigas de muitos séculos. (1) Na serra de Baturité, nascem os rios Pacoti e Ceará, com, respectivamente, 120 e 72 Km de curso; e na serra do Lajedo, nasce o São Gonçalo, que se acompanha por assim dizer, do Curu, de 250 Km, defluente da serra do Machado. O litoral é baixo e inclinado. Compõe-se de areia, com afloramento de granito ferruginoso — **grès**, sobretudo na baía de Mucuripe, e na enseada de Pecém. Acompanham o mar parcelado as indefectíveis dunas eólicas, e oito morros. Ao sul, empós a "terra de marinha", estende-se o "tabuleiro" de vegetação xerófila, sulcado de riachos geralmente "secos". E nessa altura, confronte à cidade da Fortaleza, sobressai o sistema orográfico central do Estado, constituído de serras altas e serrotes isolados. A acidência mais próxima da costa e de aspecto afunilado é a de Bom Tempo, também conhecida por serra do Juá, talvez por causa das condições atmosféricas, e decerto porque havia, nela juazeiros — **Zizyphus joazeiro**, Mart., em grande quantidade. Mais avante, separada desta última, por uma "garganta", apruma-se a serreta de Arara. E, a sueste, demora a serra de Maranguape. Entre esta e uma outra conhecida pelo nome de Aratanha, deflui o rio Maranguape, em formoso vale de aproximadamente dezoito quilômetros de largura. Consignam-se pois, as acidências mais importantes: MARANGUAPE, cuja altimetria anda em redor de 920 m, pelo Pico de Rajada; e Aratanha, de 780 m, pelo Pico do Embuaçu. Ambas se apartam do mar, na distância de quatro léguas, consoante as retas que traçamos: para a primeira, de Miramar até a baía de Mucuripe; e para a última, da vertente oriental, à barra do rio Pacoti.

A propósito do cordão orográfico, escreveu Vilhena, o seguinte: **"São as terras mais altas de toda a costa, pello que servem de baliza a todos os que da Europa navega para o Pará, Maranhão e Parahiba."** (2) Efetivamente, as serras que se destacavam por isso e aquilo, eram registradas nas cartas marítimas como pontos de "conhecença". Veremos a seu tempo, a influência de Maranguape sobre os primeiros nautas que singraram os **verdes mares bravios** do Ceará. Pretendemos analisar as origens dos nomes aplicados à serra, mas em ordem decrescente, ou seja, de hoje, até o décimo sexto século. Em face da aridez do tema, difícil já por uma e outras consequências de ordem idiomática, nem todas as deduções referentes ao Tupi, estarão rigorosamente corretas. Entretanto, vale a pena ressaltar de antemão a descoberta que fizemos, quanto à verdadeira origem do toponímo indostânico LI, citado e examinado infrutiferamente por muitos estudiosos da nossa geografia proto-histórica.

Existem dois vocábulos tupis bem parecidos sob o aspecto ortográfico: **mamanguape** e **maranguape,** sendo que o primeiro nomeia um rio na Paraíba do Norte, e, conforme Gabriel Soares de Sousa, rio **Magoape.** Além disso, **marangúape** é nome de povoado em Olinda, traduzido por Mário Melo, segundo a mesma interpretação inserta na obra do tupinólogo Th. Sampaio. Este autor de "O TUPI NA GEOGRAFIA NACIONAL", é com efeito, de parecer que, a palavra citada, procede de **marã -|- goa -|- pe,** significando: "vale da peleja". Qual a diferença de sentido entre **mamã**(goape) e **marã** (goape)? Gonçalves Dias, menciona **mamanguape,** sem traduzir. Observe-se que **marã** tem prevalecência em muitas expressões. Por exemplo: **maragogipe** e **marapicu,** diz Mario Melo; (3) em **Marangatu,** escreve Edelweiss; (4) e em **maramonhang,** conforme Gonçalves Dias. (5) Este dicionarista, traduz **maram** (marã) como "despropósito", e acrescenta **maramonhang** como "peleja". Não obstante o convencional acerto da interpretação emitida por Th. Sampaio, apoiada de modo pleno, pelos escritores cearenses, há que reparar outras grafias. Veja-se Vilhena: **mamarangoab**, relativo à serra do Ceará. Pode supor-se que **mamanguape,** na Paraíba, compõe-se, como veremos mais adiante, de duas palavras distintas. Do ROTEIRO de Kilian de Resenlaer, publicado em Amsterdam, em 1628, transcreve-se para aqui, este tópico: "A três léguas para o interior ou duas jornadas de marcha está uma mina de prata, na montanha **Boranguape,** avistável de bordo dos navios." (6) Evidentemente, grave erro ortográfico. Aliás, ele registra o **mamanguape** paraibano de maneira estropiada: **monguamguape.** No DIÁRIO de Matias Beck, consta: monte **Maragoaba,** o mesmo que Maranguaba. E na planta do forte **Scoonemborck,** consigna-se o monte **Maragoa** ou Marangua.

Importa sublinhar que, nestas expressões preteriu-se a partícula **pe**, grafia corruta de **be**. Observe-se: **marã**(goab) e **marã**(goap), ou maranguabe e maranguape.

Seria **maranguape** o nome primitivo da serra cearense? As formas ortográficas conhecidas através de documentos arquivais portugueses e flamengos são mais ou menos sete, e fáceis de interpretar. Considerem-se: 1o — **Maranguape;** 2o. — **maranguab;** 3o. — **Mamaranguab;** 4o. — **boranguapa;** 5o. — **Marãgoaba;** 6o. — **Marãgoa;** 7o. — **marãgoab.** De acordo com J. Brígido, "maranguape" seria nada mais e nada menos do que uma corrução procedente de uma destas formas: **marãgoa, marãgoab**, e **marãgoaba**. Está certo João Brígido, mas errou quanto à tradução, pois escreveu o seguinte: "Os holandeses não nos deixaram o nome que os indígenas davam ao local da cidade atual. Deram, porém, à serra em frente de Maragoa, que se encontra escrito — **maragoaba** em documentos portugueses, posteriores à evacuação... **Maragoa, maragoab, Maragoaba?** Entre os portugueses não houve um "b" demais, e, por fim, "a". **Mara** quer dizer mato. **Goa** e **Goab**, que montoya diz **Guab**, é o mesmo que **Qua**, quer dizer — "apertado, cerrado", etc. Dessarte, **Maragoa, Maragoab, Maragoaba,** finalmente, **Maragoape,** tudo quer dizer — "mato fechado, cerrado, etc." Ora a geonomástica americana, do Nordeste, apresenta **caápara** mato, e **marã** (nunca foi **mára**) para peleja, segundo uns, e para despropósito, segundo outros. O **Quá,** trazido à tona por Brígido, poderia ser ou provir de **Cuá,** cintura. Por enquanto, a tradução normal é a de Th. Sampaio, à vista da ortografia atual, e por causa do Vale, por onde corre o rio Maranguape: no "vale da batalha". Veja-se que o vocábulo "maranguape" exclui idéia de eminência, monte ou colina.

Há razões para se contrariar, aqui, a concepção doilustre tupinólogo baiano, no caso de mostrar que **maranguape** é forma desfigurada de uma outra mais antiga. Seria mesmo ilógico entrever "batalhas" em todos os toponimos, corrutos, espalhados no país. Exemplifique-se: **maranguape,** rio e serra no Ceará. **Mamanguape,** rio da Paraíba. **Maranguape,** cidade em Pernambuco. **Mangulape,** rio em Alagoas. **Marangogipe,** rio e cidade na Bahia. **Morungaba,** cidade em S. Paulo. Mostrou-se já, em Vilhena, a modulação MAMARANGUAB para a serra cearense. A nosso ver, procedem-se-lhe os nomes **mamanguape** e **maranguape,** sem dúvida o mesmo **magoape** de Gabriel Soares, e também forma contrata de **mamanguape.** Na Bahia, a idéia é de rio: **marãgoa-gi-pe,** mas apenas porque indica um caudal. A partícula "gi" significa "pequeno", como em **Potengi** ou **puti** ÷ **i,** camarão pequeno — **puti**(g)**i**. Como a pronúncia é nasal, dizia-se **puting-i,** e entre os colonos, **potengi**...

Queremos salientar que **marã** ou batalha, e **goá** ou várzea, e ainda **pe,** que tem vários sentidos, não se aplicam ao primitivo nome da serra de Maranguape. Na verdade, **maranguape** deve ser forma simplificada de MARANGOABA, uma fruta, depois transformado em MARANGABA, espécie de mangaba pequena, **Psidium pigmeum,** Arruda. O botânico Gardner, que a encontrou nos arredores do Crato, no século passado, disse, entre outras coisas, que se tratava de uma fruta do tamanho da groselha e de sabor parecido com o do morango. (7) Pode-se pois traduzir aquele **marãngoa-gi-pe** baiano, como "rio da mangaba", ou seja **marangoab,** mangaba nanica, + **i,** rio -|- **pe,** locativo. Todas as outras modulações gráficas, já estudadas, são viciadas. Estando o toponimo atual, "maranguape", identificado com a serra e o rio cearenses, embora em desacordo com Th. Sampaio — várzea, simplesmente várzea da "batalha", torna-se necessário rever Vilhena. Efetivamente, se o autor da RECOPILAÇÃO DE NOTÍCIAS escreveu **mamaranguab** é porque se trata de forma composta, ou por outra, de MAMÚNA e MARANGOAB, incluindo-se neste ról, **mamanguape,** de que provém a forma contrata **manguape** alagoana.

Enfim: — MA(MUNA) MA(RA)NGOAB.

Das observações precedentes passaremos à derradeira etapa do problema tupinológico. Donde procede MAMÚNA? é corrutela? nos roteiros marítimos consultados encontramos: **Camamume, Aquemamume,** e **Dequeamanune,** aliás, considerados por Th. Pompeu Sobrinho, como provavelmente de origem tapuia. Quem primeiro mencionou a expressão CAMAMUME para a serra cearense foi o cosmógrafo-mor Manuel de Figueredo (8). Escreveu ele, em 1608: "De Guamara ireis correndo a costa ao Noroeste, e vereis areia em volta com mato verde, e o princípio das serras de **Camamume,** que vos parecerão cinco légoas pela terra dentro, não vos fieis da gente desta praia, porque he de Tapuyas Barbaros." Figueredo nomeia o cordão central ou as serras principais, Maranguape e Aratanha, mas há quem indique Maranguape. Se o leitor já leu a epístola de dom Diogo de Meneses, Governador Geral do Brasil, dirigida ao rei, em 1.º de março de 1612, propondo nova divisão da costa leste-oeste, em capitanias reais, deve recordar-se deste passo, referente à Maranguape: "Fralda da serra **Aquemamume,** que corre desviada do mar 4 legoas, com terras e portos excelentes para todas povoações e embarcações" (9). E cresce o interesse ao saber-se que, além da epístola de dom Diogo, regista também o lugar o cosmógrafo-mor Antônio de Mariz Carneiro, em 1625: "e desta paragem a dez legoas ao mar verás pela terra dentro umas serras

altas, que terão de comprimento onze legoas, e pela terra dentro estarão cinco legoas, as quaes se chamão **Dequeamanune,** as quaes vão botando pela terra dentro, e fica sobre Igoape e Macoripe" (10). Em síntese, Aratanha e Maranguape. Estes novos toponimos devem proceder de um só. **Mamume** e **Manune,** provavelmente algaravia de **Mamúna.** Agora as palavras que se lhes antepõem, **Aque** e **Dequea,** parecendo vozes tapúias, complicam tudo.

A conclusão que admitimos, é que as duas serras principais, Aratanha e Maranguape, chamavam-se **Mamúna Marangoab.** Com o tempo, a de Iguape tomou o nome que hoje ostenta, Aratanha, do tupi **ara,** mundo, e **tanha,** dente. Esta serra tem de fato a forma de um dentilhão: Dente do Mundo. Quanto à outra, ficou ela conhecida por **Marangoab,** em virtude da presença da mangaba, nanica, **Psidium pigmeu,** Arruda. Do vocábulo **Mamúna,** apenas sabemos que ele nomeia um igarapé do rio Mearim, no Maranhão.

Com referência à toponímia indostânica, devemos lembrar-nos de que Varnhagen, nos comentários ao TRATADO DESCRITIVO de Gabriel de Sousa, abriu discussão sobre o monte "Li", dizendo: "talvez assim chamado porque se parecia ao de igual nome na Ásia, será o de Aracati. Os Átlas de Lásaro Luís e Fernão Vaz Dourado e outros antigos manuscritos trazem aquele nome." Esclareça-se desde logo que consultamos o trabalho de Vaz Dourado, e sabemos que este cartógrafo situou o monte sob o paralelo de 3o.S, não devendo ser o monte Araré, na costa do Aracati, em 4.oS, longe do litoral duas léguas e meia, e, conforme Gardner, com aproximadamente 680 pés de altura. Há uma hipótese de Th. Pompeu Sobrinho, antigo Mestre de conceituados escritores do "Instituto do Ceará", sobre o assunto, firmada nestes termos: "Ao sul, 4 léguas para o interior, fica a serra de Maranguape, a mais importante, maior e elevada do grupo de serranias que os navegantes avistam do mar entre **Pecém** e **Iguape.** Isto nos induz a identificar o **Monte Li** de Soares com a serra de Maranguape" (11). Ele ameniza a questão, ao indicar esse acidente, mas cumpre dizer que, o toponimo de Soares, escapa ao seu objetivo. Estando errados os cálculos de léguas de Soares, houve uma transposição de toponimos, com a consequente troca de Mucuripe por Mundaú, e o recuo do "Li", de Iguape para o Mucuripe. O monte do sertanista, embora colocado em sítio impróprio, está indicando a serra de Aratanha, o mesmo **monte Fremoso** do mapa de Gaspar Viegas, de 1534.

O problema principal, nesse caso, restringe-se à origem do nome **Li,** sobretudo quando se sabe que existem várias grafias, como por exemplo, ELY e DELY. Convém transcrever para aqui a

opinião do ex-Presidente Perpétuo do INSTITUTO DO CEARÁ, Dr. Th. Pompeu Sobrinho: "O nome **eli** ou **deli** de um monte, que aparece pela primeira vez, e se reproduz, com grande insistência, na maioria dos mapas quinhentistas, ora com as grafias acima, ora somente "Li", revela que foi aplicado às serras que circundam esta capitania por um nauta que antes de 1516 perlongara as costas cearenses e precedentemente, ao que parece, visitara a costa ocidental da India, provavelmente como elemento da expedição de João da Nova, em 1501. Esta suposição decorre do que informa João de Barros (Dec. I, Liv. V. Cap. X): Nova, ao passar em frente ao monte **Lim**, na costa da península asiática, topou com duas naus inimigas, de uma das quais, após violenta peleja, se apoderou: matou os tripulantes e incendiou a embarcação, depois de esbulhada. É possível que cena de tal violência e o rico botim tivessem gravado persistentemente na memória do marinheiro as diversas circunstâncias do caso, inclusive a da posição da frota, referida ao monte de **Lim**. O nauta, anos depois, ao passar pelo Ceará, teria reavivado o drama asiático, que talvez lhe houvesse dado fortuna, à vista do monte ou serra de **Maranguape**, por ventura de aspecto semelhante ao outro. Nestas condições, as serranias que circundam o trecho litorâneo, entre Paracambuca e Iguape, evocativas do monte indu, receberam o seu nome, transformado em **Li** ou **de Li.**" Eis uma explicação bastante engenhosa. O fato é que ninguém conseguiu entender a história da nomenclatura do TERRA BRASILIS de Pedro Reynel. Com as indicações fornecidas pelo mapa, e à vista dos sucessos relatados por Vespucci, na LETTERA AL SODERINI, resumimos: que, após o naufrágio da nau "capitânia" no Atol das Rocas, na noite de 10 de agosto de 1503, o Capitão-mor Gonçalo Coelho navegou ao "pairo" cinco dias, e, finalmente, fundeou na baia de Guamoré, no Rio Grande do Norte, a 16 desse mês, comemorativo de S. ROQUE. Seguiu depois para o Noroeste, batizando os principais acidentes, até o rio Turiaçu, de onde regressou em 1504, com destino ao Rio da Prata. Dos toponimos aplicados, conforme Reynel, alguns são de origem alienígena. Por exemplo: o **C:. corco,** atualmente, ponta Grossa, no Ceará, reproduz de memória o indostânico **Cabo Corso,** registado na **Taboada de Latitudes e Longitudes** do Cosmógrafo Manuel Pimentel, em 4.°57,N. Por conseguinte, o mesmo **Cabo Corse** situado nas proximidades do Castelo de **Sam Jorge,** em Mina, baluarte construído ao tempo de D. João, o II, por Diogo de Azambuja, em 1482, na baia de Elmira. Do mesmo modo, o monte **Ely,** grafia errada de **Delly**, montanha e cabo indostânicos. Enfim, a história de João da Nova, não tem relação com a origem do topônimo dado a Maranguape.

A palavra ELY, de Reynel, ou como por primeira vez se consigna o acidente na cartografia coeva — **momte ely,** está, já dissemos, errada. Em Luís Teixeira, e demais cartógrafos, há: **delli, dely** e **delly.** De qualquer modo, ELY, aparentemente bíblico, faz recordar uma aldeia na ilha Grande-Key, arquipélago das Molúcas, mas sem ligação com o toponimo cearense. Existiu, outrossim, na Índia, no século XIV, a província do rei Colombo, cristão. Dividia-se por quatro cidades principais: **Diogil, Colombo, Byder,** e **Elly.** A segunda e a última eram litorâneas. Poderíamos pois, conciliar o toponimo cearense com o **Elly** indostânico, mas sucede que Reynel menciona uma serra, e não uma aldeia silvícola. Queremos crer que o motivo da grafia **ely** se explicaria assim: o desenhista ou autor do **croquis** da viagem de Gonçalo Coelho, perguntou ao batizante de acidentes:

— Como se chama o monte?

Respondeu o outro:

— É **Ly.**

O desenhista escreveu segundo o ouvido: **Ely.** Mais tarde, consolidou o cartógrafo sedentário, Pedro Reynel, esse lapso auditivo... E, como alguns cartógrafos se copiavam mutuamente, eis que Vesconti de Maggiolo, escreveu o **M. de elli,** em seu mapa de 1519.

Para o Dr. Th. Pompeu Sobrinho, a grafia certa será LI, de acordo com Gabriel Soares de Sousa, e tanto melhor quando se sabe que o cartógrafo Diego Homem, gravou: **m. de Li.** A propósito de "Li", "Deli", afirmou, por exemplo, Pompeu, o seguinte: "Este estranho toponimo, como aventamos no texto seguindo Varnhagen, é de origem realmente indostânica. Provém mui verossimilmente do nome **LIM.** A expressão **deli, delli, delly,** comuns nos velhos mapas, deve provir da ligação **de** ao locativo." Antes de penetrar no âmago do problema sucitado por Th. Pompeu Sobrinho, vejamos os mapas: Reynel, 1516, **momte ely;** Visconti di Maggiolo, 1519, **M. de elli;** Descelliers, 1550, **m. dely;** Diego Homem, 1568, **m. de Li;** Guillaume Le Festu, 15(?), **monte delli;** L. Teixeira, 1574, **M. dely;** Joan Martines, 1587, **m. díli;** F. Dourado, 1588, **m. dely,** etc. Pergunta-se: foi Maggiolo, o inspirador da preposição **de** com o locativo **Li?** ora tudo nos autoriza a dizer que nunca existiu esse vínculo gramatical sugerido pelo autor da PROTO-HISTÓRIA CEARENSE, porquanto a palavra correta é DELLY.

O cosmógrafo Manuel Pimentel, por exemplo, apresenta o **Monte Delly,** em 12.°16'N, entre a ponta do Fraquete e o cabo Camorim. Não é só isto. O brilhante autor de LENDAS DA ÍNDIA, dispõe **Dely** como "reino extenso" do Indostão. Há mais. Nas DÉCADAS, tratando da viagem de Vasco da Gama, diz João de Barros:

"E se foi lançar ao monte deli por ser um cabo mui notável que está no princípio da costa Malabar" (12). Se, em LENDAS DA INDIA, trás Gaspar Corrêa, à tona, um reino chamado **Dely**, não menos interessante é saber que o Mapa do judeu Abraham Cresque, natural de Palma, na ilha Mallorca, cartógrafo ao serviço do rei Pedro de Aragón, confeccionado em Paris, 1375, — **Atlas Catalán**, indica na Índia o país de **Lo Rey Delli**, inclusive a **Ciudat de Delly.** Consulte-se também o planisfério de Fra Mauro, monje de Murano, desenhado entre 1457 a 1499, ou segundo outros cartólogos, em 1460, que se encontra arquivado na BIBLIOTECA MARCIANA de Veneza. Figura nele a Índia, dividida em: **India prima, India secunda,** e **India terza.** Na primeira divisa política está a cidade **deli.** Releve-se que a antiga Mongólia chamava-se **Deli.** E há, presentemente, **Nova Delhi,** à margem do Djamma. Este nome procede de **Dehli ou Dilli**, cidade vizinha, arruinada, construída pelos imperadores Patanes, na antiga Província dos Seikhs, existente até o XVIII século, na chamada Ásia Otómana. De suas ruínas resta hoje o palácio dos imperadores. Voltemos, porém, ao cronista João de Barros, agora interessando o navegador João da Nova ou **Joam da Noua** e suas peripécias na Índia, no ano de 1501: "Finalmente, deixando Joam da Nova, mais alguns homens a Paio Rodrigues, a requerimento de el-rei, partiu-se de Cananor, com a mais carga que ali recebeu, e de caminho tanto avante com o **monte de Li,** tomou uma nau de mouros, que era de Calicut" (13). Eis a questão. O **Li,** de Gabriel Soares de Sousa, tem a sua razão de ser, mas se trata de uma variante. O nome DELLY, prova por si só que nunca houve aquela preposição **de** com o locativo **Li**. Aliás, Th. Pompeu Sobrinho cita vez por outra um LIM, e no entanto ela não consta em João de Barros e nas cartas marítimas anteriores ao século XVI. A preposição aventada, poderia ter cabimento se adotassemos, mesmo contrariando cartógrafos, como absolutamente correto e original o toponimo ELY de Pedro Reynel. Haja vista o que escreveu o Marechal luso Gomes da Costa, ao tratar da viagem de Vasco da Gama à Índia, em 1502-3: "Na altura do M. Dely, — o Ely de Marco Polo, — a armada pairou", etc. (14) Entendemos, porém, que, se Marco Polo escreveu de fato Ely, para aquele acidente geográfico, incidiu em erro. **Ely** não é palavra indostânica. O próprio "Li", talvez invencionice dos nautas para simplificar Delly, é chinês e se exprime por medida itinerária. Demais, os exemplos precedentes, **Deli, Dehli, Dilli, Delly** e **Delhi,** enfim: rei, reino, montanha, cabo e cidade, solucionam a controvérsia.

Delly, portanto, nada tem que ver com preposição **de** + **Li**. Dissemos que o cartógrafo Joan Martines, escreveu **m: díli.** Ora, a ci-

dade arruinada dos Patanes, chamava-se **dilli.** Em nossas pesquisas na Biblioteca do "Instituto de Cultura Hispánica", em Madrid, tivemos a oportunidade de manusear o Atlas desse cartógrafo, e nele encontramos a carta **Brasil 1504,** com o toponimo **m: deli**. Dessarte, tudo se explica muito bem: **Deli** e **Díli,** cidade, referiam também o monte e o cabo de João da Nova e Vasco da Gama. Na época de Marco Polo, o toponimo seria mesmo **Dely**. O **Ely,** hebraico, aplicado àquela cidade da Província do rei Colômbo, só se compreende porque o cristianismo ali já penetrara. As cronicas da Índia mencionam, com Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, — **Monte Dely;** e, com Tristão da Cunha, — **Monte Delhi.** Não há outra alternativa. No fim de contas, se a serra de Maranguape está distante quatro léguas do mar, e não tem promontório, torna-se difícil compreender o motivo do toponimo aplicado por Gonçalo Coelho em 1503. Salvo se ele está ligado à conformação granítica da serra. Observe-se, de preferência dos mais altos edifícios. Ela representa a silhueta de um homem deitado de dorso, cujo rosto conserva traços asiáticos.

O **Rey Delli?**

Sobre haver acidência geográfica no Ceará, com apelido indostânico, isso não deve causar admiração. Em Minas Gerais, por exemplo, existe a famosa serra do **Grão Mogol.** Toponimo, quiçá, da época das "Bandeiras", consequente da busca de ouro e diamantes. Ora, **Gran-Mogol** foi um dos mais prósperos reinos do Indostão, e durou até o princípio do século XVIII. É conhecida a história do despojo do seu colossal tesouro, pelo iraniano Nadir-Chah. Haja vista, igualmente, o porto de MACAU, no Rio Grande do Norte. MACAU é transplante do chinês **a ma-ngão** ou "abrigo de Ama", portanto, Porto da Deusa dos Navegantes, consoante a afirmativa de Luís da Câmara Cascudo (15). Macau, na Província meridional de Kuang-tung, ou seja Quanton, era colônia portuguesa desde 1557. O toponimo norte-riograndense deve ser da época do Marquês de Pombal, que tinha predileção pela colônia asiática.

N O T A S:

(1) Sobre golfo **(dos Negros e de Aguada),** consulte-se D'Oliveira, Guarino Alves — CAPITANIAS HEREDITÁRIAS, OU DISSERTAÇÕES SINTÉTICAS DE UM HISTÓRIO-GEÓGRAFO — "Revista do Instituto do Ceará", pp. 67-86.

(2) Santos Vilhena, Luís dos — RECOPILAÇÃO DE NOTÍCIAS SOTEROPOLITANAS E BRASÍLICAS — Carta XIX, T. 1.º — Bahia, 1802.

(3) Melo, Mário, TOPONÍMIA PERNAMBUCANA — Rev. do Inst. Arq. Hist. Geog. Pern., T. 3.º — Recife, 1932.

(4) **Marangatu**, quer dizer "bondoso". Edelweiss, cita **mará**, com o significado de "doente". Edelweiss, Frederico G. — O CARÁTER DA SEGUNDA CONJUGAÇÃO TUPI — Salvador, 1958.

(5) Dias, Gonçalves — DICIONÁRIO DA LÍNGUA TUPI. Rio, 1965.

(6) Inserto da "Revista do Instituto do Ceará".

(7) Gardner, George — TRAVELS IN THE INTERIOR OF BRAZIL PRINCIPALLY THROUGH THE NORTHERN PROVINCES AND THE GOLD AND DIAMOND DISTRICTS, DURING THE YEARS 1836-1841. London, 1846.

(8) Figueredo, Manoel — HIDROGRAFIA, EXAME DE PILOTOS — Lisboa, 1608.

(9) Inserto na REVISTA DO INSTITUTO DO CEARA'.

(10) Mariz Carneiro, Antonio de — REGIMENTO DE PILOTOS E ROTEIRO DA NAVEGAÇAM — Lisboa, 1625.

(11) Sobrinho, Th. Pompeu — PROTO-HISTÓRIA CEARENSE — Fortaleza, 1946.

(12) Barros, João de — DÉCADAS — T. I, Lisboa, 1945.

(13) Barros, Ob. Cit.

(14) Gomes, Manuel (Marechal) — DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS, T. II — Lisboa, S/d. Há na "Biblioteca Colombiana", de Sevilha, a RELACIÓN DEL VIAJE (1271-1294), de Marco Polo, anotado por Colômbo e seu irmão Bartolomé.

(15) Câmara Cascudo, Luís da — HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE — 1955.